

A CENSURA EM FRANÇA AOS LEITORES DE "LA BATAILLE,"

Mais um artigo recusado: a censura não permite a lição do passado. Segundo essa sucursal da rua de Jersu em (1), é proibido aos franceses lançarem um olhar retrospectivo para a sua história afim de aprender pelas faltas cometidas a não cometer outras. A este propósito estou em desacordo com os camaradas da redacção. Creio que seria necessário que cada artigo suprimido fosse deixado em branco de modo bem aparente no número em que devia ser publicado. A Redacção afirma que isso seria a morte do jornal.

Creio que os leitores são bastante inteligentes para se afeiçoar mais ao jornal vendo os esforços por ele feitos para manter alto o seu ideal revolucionário internacionalista, para fazer compreender o que julga ser a verdade. Os outros jornais não tem medo de aparecer com as colunas saqueadas.

Só a *Bataille*, de algum tempo para cá, é que parece empenhada em dar a falsa ideia de que é respeitado pela censura o único jornal revolucionário que existe.

Dizer que a censura existe, que ela suprime artigos, não fere o espírito dos leitores como fazendo-se-lhes verificar o mal feito por esse canoro a imprensa lograda pelo ministro Viviani.

Pelo que me toca, desde que envio artigos a *Bataille*, de 21 dez foram totalmente suprimidos (2) e quatro amputados em muitas partes.

Felizmente, se não posso escrever em França, posso escrever noutra parte. A Europa não está toda ainda sob a direcção da Alemanha, da Rússia ou da França; ainda há um ou outro país onde é livre o pensamento e onde é permitido—ou quase—expressar-se. Os leitores que se interessam pelo que tenho para lhes dizer podem achar no *Réveil* de Genebra (Rue des Savoises, 6) ou no *Libertario* de Spezia o que me impedem de dizer em França.

Entretanto aos que conhecem o inglês recomendo a leitura do opúsculo sobre os crimes da diplomacia, por Ponsamby (membro do parlamento inglês: *Parliament and Foreign Policy* (O parlamento e a politica estrangeira), editado pela «União para a vigilância democrática».

O império de 1870 e os governos falsamente chamados da defesa nacional não osaram servir-se de tais meios policioscos para sufocar a verdade; era preciso virem socialistas para osar tratar o país como menor ou idiota, incapaz de se ocupar dos seus próprios interesses.

Em rigor, admito a censura sobre as operações militares, embora eu esteja persuadido de que é inútil as mais das vezes. Por exemplo: quando se impede de dizer que tal regimento está em tal localidade na linha de batalha. Se tal regimento está continuamente em contacto com o inimigo, este, pelos uniformes dos mortos que recolhe e dos prisioneiros que faz, não precisa de que o informem sobre os que ele tem pela frente. Só os interessados, os parentes e amigos dos combatentes, é que ignoram a sorte destes. E sem dúvida a própria administração que os enviou, a avaliar pelas recriminações vindas de todos os lados, a respei-

to de cartas, encomendas e vales que não chegam ao seu destino.

Concordo que não se diga quando se prepara um movimento de tropas, um ataque, mas para que ocultar os resultados? Os alemães não precisam de ler os jornais franceses para saber por quem foram atacados, onde ficaram vencidos ou vitoriosos. Mas o povo, parece, deve morrer e pagar os gastos da guerra, e o resto deve ignorá-lo. E' bruto demais para saber. E sinto com efeito ganhas de o acreditar, visto que é tudo isso aceite.

E é assim que, após 48 anos de república, após um século de exercício de sufrágio universal, conservamos os costumes da monarquia absoluta. Com tratados secretos, sem o consultar, forçam o país a empenhos que o lançam em terríveis conflitos, e é proibido registar a necessidade de mudar tais costumes.

Neste momento desenrola-se o drama mais espantoso que tem revolido a humanidade e comprometido a sua evolução. O país bate-se para não ser esmagado sob o pesado tacho do imperialismo germânico, mas é no entanto espezinhado pelos escarpas vermelhos dos cortesões de Luis XVI, calcados pelos caixeiros que os substituíram.

E a imprensa, que pretende ser o porta-voz da verdade, o baluarte das nossas liberdades, uma potência e uma missão, a imprensa resmungua, mas curva a espinha á Censura, porque a ameaçaram de a apagar com um simples candieiro.

E todavia como teriam ficado embaraçados os nossos governantes, se a imprensa, aceitando, tivesse respondido: «Já que nos recusais a liberdade de falar, de dizer o que nos parece verdadeiro, recusamos servir de passaporte ás vossas mentiras, pois é mentir dizer das coisas apenas a metade. Ousai suprimir-nos. E se não, renunciaremos nós á publicação, faremos a greve do silêncio, explicando ao público as razões deles». Imagine-se um governo sem imprensa, só com o jornal oficial, e sobretudo com a explicação: se a imprensa recusou sair foi para ser obrigada a dizer o contrário da verdade. Ante a inquietação do povo, o governo pactuaria em menos duma semana, pedindo de joelhos aos directores dos jornais que voltassem atrás.

Mas para isto, forçoso seria que estes antepusessem ao seu próprio interesse o da verdade e do público e que abstraissem das suas rivalidades de loja; seriam precisos jornalistas amantes da dignidade da sua profissão, ao passo que á testa dos jornais temos especuladores de negócios, aspirantes de ministros e maraus mascarados de escritores. E' uma opinião pública que pensa talvez em alguma coisa, mas não parece, pois que suporta que a tratem como muito fraca de juízo.

Clifton, 5-2-1915.

JEAN GRAVE.
(Do *Libertario*, de Spezia).

(1) Sede da prefeitura de polítoia.
(2) Oze, pois que do presente artigo na *Bataille Syndicaliste*, só apareceu a assinatura.

O CONGRESSO DO FERROL

A maneira que se vae aproximando a data para a realização do Congresso internacional contra a guerra, no Ferrol, vae crescendo entusiasmo entre todos os amantes da paz e do progresso humano.

Sabemos que em Lisboa alguns camaradas se preparam para tomar parte no referido Congresso. No Porto também o «Grupo de Propaganda Libertaria» resolveu tomar a iniciativa da conyocação de todos os camaradas desta cidade para

acórdarem na melhor maneira de ao Ferrol enviar representação directa pelos anarquistas do Porto e, se fôr possível, do Norte.

Tambem a U. O. N. (Secção Regional do Norte), na sua ultima reunião, resolveu consultar a Secção do Sul sobre o assunto; e se esta resolver enviar representação o mesmo fará a do Norte.

Já no n.º passado acentuamos a conveniencia de se aproveitar o ensejo deste Congresso para se apertar os laços de solidariedade entre as classes traba-

lhadoras da Peninsula. Conveniente seria, pois, que a U. O. N., contribuisse com a sua cota parte para a realização dessa necessidade, que as proprias circunstancias, aliás, impõem.

Todo o proletariado tem interesse em que a maldita guerra cesse depressa, pelas inúmeras victimas que está causando e pela crise que provocou, que tantos e tão grandes males determina nos lares dos esfomeados de pão e de justiça. E como é assim, todo o proletariado é especialmente os seus organismos de classe, devem esforçar-se por conseguir aquele objectivo.

Todos os revolucionários sociais que são dignos deste nome devem cerrar fileiras e marchar á conquista da paz, tal como a espezemos, referindo-nos ao mesmo assunto, no n.º anterior, custe o que custar!

E' necessario demonstrar á burguesia, aos provocadores e fomentadores da guerra para seu exclusivo proveito—que o proletariado consciente não está disposto a conservar-se silencioso em face da carnificina e da devastação e que ao contrario, quer afirmar, ineludivelmente, a sua vontade o o seu desejo de paz e de fraternização internacional.

Convite

O «Grupo de Propaganda Libertaria» convida todos os anarquistas, estejam ou não agrupados, a comparecer no proximo domingo, 18 do corrente, pelas 15 horas, na redacção da «Aurora», rua Formosa 242-2.º, afim de se acordar na forma mais viavel de se fazerem representar no congresso internacional contra a guerra, que se realiza em Ferrol, Espanha, nos dias 30 de abril e 1 e 2 de maio proximos.

Coisas historicas

20-1915—Em Manaus (Brasil) sai o primeiro número de *A Luta Social*, publicação eventual anarquista.

30-1901—Karpovitch mata Bogolepoff, ministro de instrução pública da Rússia, que era um tirano e um opressor do povo russo.

31-1888—Sai em Torino (Italia) o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, *A Nova Gazeta Operaria*.

ABRIL

1-1914—Declara-se em greve a classe maritima de Portimão.

2-1497—D. Manuel, rei de Portugal, manda tirar aos judeus todas as crianças menores de 14 anos afim de serem educadas, segundo as predicas católicas.

3-1887—Inicia a sua publicação em Melbourne um semanário anarquista intitulado, *A Honestidade*.

4-1900—Stipido dispara em Bruxelas, dois tiros de revolver contra o príncipe de Gales.

5-1877—Grande insurreição popular em Benavento (Italia).

6-1911—Os soldados franceses acutilam ferozmente, em Bayona, os grevistas das docas.

7-1791—A Inquisição de Roma condena José Balsamo, o «Grande Cagliostro».

8-1901—O «Santo Sinodo» excomunga o talentoso escritor León Tolstol por causa do seu livro, *A Resurreição*.

9-1892—Sai em Bruxelas o primeiro número de *A Miséria*, semanário anarquista.

10-1815—Moore o distinto geometra e matematico francez, Lagrange.

11-1914—São querelados a *Via Férrica* e o *Ferrol-Vidrio*, por atacarem os actos indignos da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, na ocasião da greve.

UM MANIFESTO

Firmado por deztoito individuos, três dos quais representam grupos, appareceu em França um manifesto, de que damos em seguida a primeira metade:

Os abaixo assinados, portuguezes residentes em Paris, concios dos mais imediatos e grandes interesses da grande latindade, deploram que o seu país continue a assistir como simple espectador ao duello formidable que põe frente a frente os aliados, representando a mais alta cultura e a mais nobre civilização, e a barbaria austro-germano-turca.

A França luta pelo direito das nacionalidades, e pela liberdade dos povos e ao lado da França, sempre generosa, está a poderosa Inglaterra, á qual Portugal está ligado por tratados tres vezes seculares.

Resolammos para a nossa patria um fogar de honra nesta luta gloriosa para o futuro da nossa raça.

A continuação de uma neutralidade absurda e que pde acabar por nos criar uma triste situação perante os heróis que combatem pela gloria imortal do génio criador da raça latina seria um insulto á nossa historia.

Um dos que subscrevem o manifesto representa um grupo de voluntários portuguezes na guerra. Esses voluntários, batendo se pela sua ideia, são dignos do respeito de todos e estão no seu pleno direito. Igual direito tem todos os que quiseram imitá-los—igual direito e caminho livre.

Agora pretendemos que sejam violentamente coagidos pelo Estado a marchar para a carnificina, não só os pobres trabalhadores que nada percebem dos tais «grandes interesses da grande latindade» e nem sequer se podem bater com entusiasmo, mas até os que sorriem dessa cantata e não querem bater-se pelo ideal latino ao lado dos anglo-saxões e dos russos, numa guerra de Estados e de interesses capitalistas, alto lá! Isso já é exorbitar, e dum maneira escandalosa.

Façam propaganda e organizem batalhões de voluntários—e fiquem-se por aí. Ou não nos venham falar de civilização e de liberdade.

Apontamentos

O consistorio democratico realizado no teatro Politeama de Lisboa veio corroborar, mais uma vez, os processos que os politicos deitam mão para satisfazer os seus designios de mando, vaidade e poder, enganando arditosamente o povo.

Esses processos evidenciam-se clara e eloquentemente naquelle consistorio, pois que, a par dos fulminantes anátemas lançados contra a ditadura «pimenteira», vieram as mais mirabolantes promessas e, por ultimo, os incitamentos revolucionarios, tendentes, indubitavelmente, a eleva-los, os democraticos, ás culminancias do poder.

E para isso, trautearam as arias ds seu vasto repertorio pelitiquero-eleicoeiro, procurando enlevar, arroubar a simplicidade do povo, aquele povo que, quando estavam no poder, mandaram acutilar, espingardear e encarcerar pelos esbirros ás suas ordens.

Mas este continua indiferente, insensivel perante esses trauteamentos das «serenas democraticas» porque não quer ser ludibriado, como já tem sido tantas vezes, todavia aquelas «serenas» continuam buzinando-lhe aos ouvidos os seus cantos melifluos e capciosos, afim de atraff-lo, embora com custo, a si...

Ora é precisamente isso que nós, os libertários, devemos evitar que se realice, demonstrando á mole popular o que visam esses incitamentos revolucionarios, essas mirabolantes promessas e essas defesas das liberdades constitucionais, a contrastar com um passado cheio de arbitrariedades, repressões de greves operarias, e despotismos, o que ninguém pode contestar!

Por consequência, visam evidentemente a servir-se da legião dos oprimidos e explorados de todos os tempos para os guindarem até ás culminancias do poder, satisfazendo assim as suas vaidades, ambições e interesses comesinhos; portanto façamos ver áqueles estas verdades inludiveis porque redundarão em proveito da sua causa e que tambem a nossa—a emancipação dos trabalhadores da tutela capitalista e estatal.

Não haja, pois, ilusões acerca

das jeremiadas dos politicos, aliadas ás promessas que satisfarão quando estiver constituído o governo do partido democratico, porque diminam áqueles a quem lhes é peculiar a mentira, o embuste e a mystificação e por isso não mereçam, sequer, ser escutados; mas sim repudiados.

Porém, quando as tais liberdades periclitarem, então, o povo as saberá defender directamente, sem risco, é claro, de servir de arrimo aos politicos para a consecução dos seus fins politico-eleicoeiros.

Sim, defende-as, há, como já fizera noutras conjunturas e sem o motu dos «imprevisos das peltas». Porquanto, povo, continua indiferente ás resoluções «hibar-tescas» do consistorio democratico do teatro Politeama, afim de não seres ludibriado.

A'ferta, pois!

MAGALHÃES JUNIOR.

Os manejos Russos

Os germanófilos atribuem em grande parte a actual conflagração á vontade e á attituda da Rússia. Mas se isso é um exagero, um exclusivismo que faz pendar como exclusivismo equivalente, que atribui unicamente aos impérios centrais o estalar do conflito, é certo que a responsabilidade immediata do tsarismo é das mais importantes. Un dia se saberá talvez o papel da diplomacia russa nos Balcans e na Galicia; mas alguma coisa se começa a revelar deste já.

The Labour Leader publica, em dois números successivos, um longo artigo sobre a acção russa na Galicia. O autor, que passou algum tempo na Galicia para estudar a situação no lugar, descreve uma campanha feita antes da guerra pelos agentes russos afim de despertar entre o povo da Galicia sentimentos de odio contra o governo austriaco e de simpatia pela Rússia. Por duas vezes as autoridades procederam contra os agitadores, terminando o segundo processo por uma absolvição, que encorajou a campanha. Prometiase a pronta libertação das agras dos alemães e dos magiarses, afirmando-se que a Rússia preparava para breve a guerra de resgate com o auxilio da França e da Inglaterra. Procurava-se criar pretextos e incidentes para uma intervenção, aliás sem grande eco na opinião, estando mesmo o russifilismo a perder terreno naquelle occasião.

Que a Rússia se preparava com effeito todos o sabiam, pois em abril de 1914 foi anunciado que o exército, a marinha e os caminhos de ferro russos deixavam de se fornecer de material da Alemanha e da Austria, passando a fazer as encomendas ás firmas inglesas, francesas e belgas. Numa sessão secreta da Dama, em 23 de Junho, foi votado um crédito militar aumentado, assim como um crédito naval suplementar de cem milhões de libras. Ao mesmo tempo, foi prolongado por três meses o tempo de serviço militar e prohibida a exportação de cabalos para a Alemanha e para a Austria. Um mês depois, estalava a guerra, talvez um pouquinho mais depressa do que estava nos planos tsaristas.

O autor do artigo termina por acusar o governo inglês de não ter dado o passo que poderia ter evitado a conflagração:

«Uma entrevista de cinco minutos com o embaixador russo teria acalmado a attitudo moscovita.—«Nem ajuda, nem dinheiro, e a reabertura das questões da Pérsia, da Mongólia e da Turquia, se vocês não se mantem sossegados». Bastava isto, mas ficou por dizer.»

O articulista entende que a Inglaterra só resgatará em parte a sua culpa, se obtiver da Rússia uma amnistia politica completa e a federação de todos os povos do império, incluindo a Ucrânia, se for anexada.

Hum! hum! Num me cheira, um me cheira, diria o Morgado de Fafe.